

SIMPÓSIO AT219

ÁLVARO DE CAMPOS E A DESPERSONALIZAÇÃO EM *PASSAGEM DAS HORAS*

SILVA, Laianni

Graduação em Letras – Língua Portuguesa, UFRN
laiannivitoria@ufrn.edu.br

Resumo: Esse estudo apresenta a análise do poema *Passagem das horas*, escrito por Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. *Passagem das horas* pertence às fases sensacionista e futurista do autor, na qual a busca pelo autoconhecimento, a angústia, o pessimismo, os questionamentos que permeiam a existência humana e o progresso da civilização moderna e das máquinas permeiam sua produção poética. Assim, a presente análise objetiva expor traços da despersonalização do autor no poema, a sua relação com a passagem do tempo e o seu contexto histórico-cultural. Foram explorados o campo semântico do texto e a sua estrutura – visando fazer um esboço da dicção de Álvaro de Campos e da forma com a qual ele estrutura sua linguagem – e o contexto do poema no plano historiográfico e estético no qual está inserido. Utilizou-se, para tanto, os estudos de Amador Ribeiro Neto (2014) e Norma Goldstein (2005) sobre teoria da poesia e análise literária para amparar a análise. Os resultados desta pesquisa apontam para a importância de *Passagem das horas* como imprescindível para o entendimento da personalidade de Álvaro de Campos face à modernização portuguesa e à sua própria existência – mais humana que heteronímica.

Palavras-chave: Despersonalização; Análise literária; Álvaro de Campos.

Abstract: This study presents the analysis of the poem *Passagem das horas*, written by Álvaro de Campos, heteronymous by Fernando Pessoa. *Passagem das horas* belongs to the sensationalist and futurist phases of the author, in which the search for self-knowledge, anguish, pessimism, questions that permeate human existence and the progress of modern civilization and machines revolves his poetic production. Thus, this analysis aims to expose traces of the author's depersonalization in the poem, his relation with the passage of time and his historical-cultural context. The semantic field of the text and its structure were explored - aiming to sketch Álvaro de Campos diction and the way in which he structures his language - and the context of the poem in the historiographic and aesthetic plane in which it is inserted. We used, for this, the studies of Amador Ribeiro Neto (2014) and Norma Goldstein (2005) on poetry theory and literary analysis to support the analysis. The results of this research point to the importance of *Passagem das horas* as essential to understand the personality of Álvaro de Campos face to the modern life and his very existence - more human than heteronomy.

Keywords: Depersonalization; Literary analysis; Álvaro de Campos.

Introdução

“O ciclo camoniano termina quando se inicia o ciclo pessoano” (MOISÉS, 2013, p. 331) e essa citação é suficiente para justificar qualquer que seja a motivação que induz à pesquisa sobre Fernando Pessoa. No entanto, o foco desta análise irá além/aquém Pessoa e considerará Álvaro de Campos como a transfusão de uma revolta mais humana que heteronímica.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar os traços da despersonalização do eu poético materializado em Álvaro de Campos no poema *Passagem das horas*, atentando para essa desconstrução de si através da forma e do conteúdo semântico. Para isso, será brevemente abordado o plano historiográfico em que a produção e o heterônimo se encontram, assim como aspectos da sua relação com a passagem do tempo e a estruturação da sua linguagem.

1. Um processo de construção artesanal de si

Considerado o heterônimo mais auto-biográfico de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos era engenheiro mecânico e naval auto-considerado, farto de tudo e de todos, e “viveu” entre 1890 e 1935 em Tavira, Portugal. Sobre seu nascimento, em 15 de outubro (mesmo dia e mês que o filósofo Nietzsche, não por coincidência) Pessoa escreveu:

“E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a ‘Ode triunfal’ de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.” (PESSOA, 1988, p. 146)

Sua obra é dividida em duas fases: a primeira é marcada pela construção de odes extensas e reflete a histeria de viver e sentir tudo de todas as formas, a premência de quem está à procura de si e do significado da própria existência; a segunda fase compreende textos sensivelmente mais curtos e manifestam o cansaço e o tédio de Campos por ser quem é e por

quem nunca será. Tais fases são abarcadas pelo movimento chamado sensacionista, que pode ser visto como uma decomposição do real, na qual a única coisa existente nessa realidade decomposta é a sensação (ALVARENGA, s.d., *apud* CAVALCANTI FILHO, 2011).

Segundo Cavalcanti Filho (2011), o sensacionismo nasce com a amizade entre Fernando Pessoa e Sá-Carneiro. Os dois sustentavam a ideia de desacreditar na utilidade do agir e acreditar na do sentir; para eles, a realidade verdadeira era a sensação:

*Eu [...], o indivíduo que fuma ópio, que toma absinto, mas que, enfim,
Prefere pensar em fumar ópio a fumá-lo
E acha mais seu olhar para o absinto a beber que bebê-lo...*

Passagem das horas, poema escrito em 22 de maio de 1916, faz parte da primeira fase sensacionista do heterônimo. Extenso, histérico, melancólico e pessimista, o poema constrói artesanalmente a identidade do engenheiro e a sua inquietação face à modernização que o cercava. As temáticas recorrentes são a busca pelo autoconhecimento, a angústia, o dualismo, o pessimismo e a melancolia causados por essa busca, pelo desejo e pela dor de sentir em demasia.

O poema é transpassado pela desilusão de sentir, em que o eu lírico sente de forma amargurada a passagem do tempo em consonância com os motores das máquinas modernas que ressoam nos centros de industrialização e representam a perda de identidade e subjetividade da humanidade dita moderna:

*Hela-hoho comboio, automóvel, aeroplano minhas ânsias,
Velocidade entra por todas as ideias dentro,
Choca de encontro a todos os sonhos e parte-os,
Chamusca todos os ideais humanitários e úteis,
Atropela todos os sentimentos normais, decentes, concordantes,
Colhe no giro do teu volante vertiginoso e pesado*

Os corpos de todas as filosofias, os tropos de todos os poemas [...]

A modernização é fator significativo para essa convulsão emocional que se expressa através da estética de Campos e o faz, no poema, se pluripersonalizar e se despersonalizar em profusos momentos.

Através de uma emoção intelectualizada, característica que, segundo Cavalcanti Filho (2011), fazia parte dos fundamentos do sensacionismo de Pessoa, o qual defende o valor estético que a consciência da sensação dá à linguagem e a sua intelectualização, ou seja, seu poder de expressão, Campos convulsiona através da reflexão induzida, mas, principalmente, através dos aspectos estilísticos do poema.

“Como sua organização se faz pela linguagem, esta também se dissolve diante de olhos estupefatos. As palavras perdem a capacidade de serem meras referências das coisas e se movimentam enlouquecidas. Há uma convulsão dos significados e dos significantes que se tornam líquidos, fluidos [...]”. (OLIVEIRA, 2000, p. 89)

Em *Passagem das horas*, o eu-lírico é acometido por uma insuficiência excessiva e por um excesso insatisfatório de sentir. Usando da melancolia como ferramenta de contemplação do real através do circunvago do seu sensacionalismo, a dualidade da escrita de Campos é marcada por paradoxos, antíteses e desrealizações:

*Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei [...]
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.
[...]
Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir
E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.*

Álvaro de Campos encena a linguagem em vez de utilizá-la (BARTHES, 2005, *apud* RIBEIRO NETO, 2014). Forma e conteúdo se unem em uníssono para atingir o objetivo de Pessoa de promover a intelectualização através dos seus textos.

“[...] Sentindo-se imerso no plano das relatividades, à sua luz, dispõe-se a compreender os seres e coisas. Seu objetivo, no entanto, situa-se além: atingir, pela análise ordenadora do real fragmentado, o nível de qualquer absoluto, ou seja, de verdades capazes de resistir à impressão de desmoronamento total, ou de superar a inconstância relativa de tudo”. (MOISÉS, 2013, p. 332)

A disposição sonora dos seus versos livres, que, segundo GOLDSTEIN (2005, p. 37), têm “um ritmo regular cujo efeito dá uma espécie de vertigem”, é uma das responsáveis pela significação do todo, tornando dual a experiência de apreensão do texto (o que também é reforçado através das antíteses e dos paradoxos utilizados) e apresentando um alto grau de tensão (apoiado pela temática subjetiva e soturna), corroborando com as ideias de Goldstein (2005), concretizados linguisticamente no excerto:

*Seja o que for, era melhor não ter nascido,
Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no
chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de
todas as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e
esquecimentos [...]*

A pluralidade do poema se dá através das relações oxímoras apresentadas em versos da mesma estrofe e, no decorrer desse processo de

autoafirmação de uma identidade ainda não conhecida, nas estrofes que seguem. Seus versos saltam entre o real e o divago, o deixando, na maioria das vezes, num estado de morbidez, como em “*Eu sou o que sempre quer partir, / E fica sempre, fica sempre, fica sempre [...]*”.

O poema é dotado de uma sinuosidade progressiva e sensitiva típica da contemplação filosófica, ou seja, pela busca do conhecimento que se aproxima das essências verdadeiras, como disse Platão, mas que, no entanto, não é fixa, o que pode ser fundamentado através de SIMEONI (2009, p. 2):

“A identidade é a responsável pela estabilização e localização do sujeito. Na modernidade é possível encontrar um sujeito fragmentado, sem identidade fixa, que é formado e transformado continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais vigentes. Assim, o homem contemporâneo vive em permanente confronto com uma multiplicidade que supõe uma gama de identidades possíveis e cambiantes, com as quais temporariamente pode se identificar.”
(SIMEONI, 2009, p. 2)

2. Considerações finais

Através desta breve análise, se pode inferir que a despessoalização não é um traço somente identificado em Fernando Pessoa, que motivou a criação dos seus diversos heterônimos e suas distintas personalidades, mas, também, é uma característica de Álvaro de Campos: Pessoa, além de ser múltiplos, consegue fazer uma das suas criações também ser múltipla através de características herdadas.

Sendo assim, compreendemos o motivo pelo qual Álvaro de Campos é considerado o alter ego do seu criador. A aproximação dos pensamentos de ambos refletida na produção literária revela um heterônimo que se faz existir através e além do seu ortônimo, o que pode ser visto como um processo de semi-heteronímia, uma vez que Campos parece ser uma epifania de Pessoa, porém tão grandiosa e visceral quanto ele.

3. Referências

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. **Fernando Pessoa: uma quase autobiografia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Ática, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLIVEIRA, D. P. O devir, o aniquilamento do eu e suas aproximações com a literatura: um passeio por água viva. Ceará: **Rev. de Letras**, Nº 22, Vol. 1/2 - jan/dez. 2000.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. São Paulo: FTD, 1992.

_____. **O banqueiro anarquista e outras prosas**. São Paulo: Cultrix, 1988.

RIBEIRO NETO, Amador. **A linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.

SILVEIRA, Francisco. Álvaro de Campos em Pessoa: o heterônimo da heteronímia por realizar. In: PESSOA. **Poesias de Álvaro de Campos**. São Paulo: FTD, 1992.

SIMEONI, C. P. M. A desconstrução do eu em Fernando Pessoa. São Paulo: **Rev. Desassossego**, nº 1, 39 – 47. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v1i1p39-47>. Acesso em 10 abr. 19.